

59.5. FUNCHAL – PORTO

Sempre me fascinaram as nuvens, vistas do ar como castelos de neve, como montanhas de gelo em movimentos perpétuos, como flocos de açúcar, como algodão doce que se vendia nas feiras de antigamente. Fico sempre ensimesmado, fascino-me a observar as nuvens, de dentro do avião, como se estivessem imóveis para a eternidade, tal como antigamente os gelos eternos e a neve no Kilimanjaro. Noutros casos, voam em direção oposta como se quisessem fugir ao seu volátil destino. Há-as de todos os tamanhos, cores e feitios e nunca sei como resistir ao desejo incontido de abrir a porta do avião e agarrá-las, apertá-las, esfarelá-las e, por fim, espalhá-las aos quatro ventos do mundo.

Ainda hoje senti uma vontade irreprimível de ir fazer surf nelas, naquele imenso oceano de nuvens que separava o Funchal do Porto. Mas nos céus havia outras, muitas outras, mais altas e misteriosas, quase invisíveis e essas eram etéreas, pareciam farrapos de nada arrancados à vida. Sombras quase invisíveis, talvez espíritos, quem sabe? Eram fugazes como o tempo sem deixar rastros nem assinaturas. Um dia, eu sei, irei com elas, mas hoje ainda não posso, tenho uma viagem por acabar. Mas não irei sem aqui vos falar deste fascínio antigo que persigo sempre que estou a bordo dum avião. As que vi hoje eram um encanto, acumulavam-se como se fossem uma enorme família de milhões e milhões de nuvens de todos os formatos, ora crescendo-se, ora reduzindo-se a fiapos, ora engrossando como enormes planícies de melancolia esbranquiçada que davam lugar a montes e montanhas.

Eu vi-as e elas fugiam sempre. Tinham medo de serem agarradas, até fugiam do meu olhar com medo de serem aprisionadas, ou devoradas por este monstro tonitruante de metal que as violava, perfurando-as como a espada de São Jorge trespassara o Dragão. Ficavam para trás, todas doridas, descompostas, sem a dignidade com que as vira apenas uns segundos antes. Mas cedo se recompunham e recomeçavam novo ciclo através da água que a sua presença, quase sempre, augura. Se alguém as apanhar, antes de mim, pode quebrar este ciclo vital. Elas podem, subitamente, deixar de acumular o orvalho da terra para converter em chuva que rega montanhas e faz jorrar os rios. Sem elas não haveria vida e não podemos interromper essa etapa, mesmo quando somos caçadores de nuvens frustrados como alguns que bem conheço.

Cirros - vem de cirrus, cacho de cabelo, franja - como a penugem de aves - são as nuvens mais comuns, altas, delicadas, brancas, fibrosas, geralmente esbranquiçadas, com aspeto de penas ou flocos de lã. Pairam à altura média de 9 km. São finas e compridas e formam-se no topo da troposfera. Formam estruturas alongadas e permitem inferir a direção do vento àquela altitude (geralmente de Oeste). A sua presença é normalmente indicadora de bom tempo.



Cirros-cúmulos - aparecem sob forma de bolinhas muito pequenas e brancas, ordenadas em bancos ou campos de nuvens. São também constituídas por cristais de gelo, mas aparecem raramente. São menos vistas do que os cirros. Aparecem como pequenos puffs, redondos e brancos. Podem surgir individualmente ou em longas fileiras. Normalmente ocupam uma grande porção de céu.

Cirro-estratos - mostram-se como véu esbranquiçado, fibroso ou liso, mais espesso que os cirros, constituído predominantemente por cristais de gelo. São as nuvens finas que cobrem a totalidade do céu. Como a luz atravessa os cristais de gelo que as constituem, dá-se refração, dando origem a halos. Na aproximação de uma forte tempestade, estas nuvens surgem muito frequentemente e, portanto, dão uma pista para a previsão de chuva ou neve em 12 - 24h.



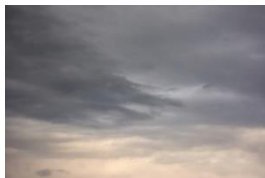
Altos-cúmulos - são as nuvens denominadas vulgarmente de "carneirinhos", como que novelos, formadas por gotas de água líquida, com os bordos claros e zonas sombreadas no interior, reunidas em faixas alongadas. São nuvens médias que são compostas na sua maioria por gotículas de água e quase nunca ultrapassam o 1 km de espessura. Têm a forma de pequenos tufo de algodão e distinguem-se dos cirros-cúmulos porque normalmente apresentam um dos lados da nuvem mais escuro que o outro. O aparecimento destas nuvens numa manhã quente de verão pode ser um sinal para o aparecimento de nuvens de trovoadas ao final da tarde.

Alto-estratos - são nuvens em forma de véu uniforme, cinzento-azulado, raramente fibroso, através das quais o Sol e a Lua surgem enfraquecidos na sua luminosidade, como se os vissemos por um vidro fumado. Os altos-estratos contêm gotículas de água e cristais de gelo, além de flocos de neve e gotas de chuva. São muito semelhantes aos cirrostratos, sendo muito mais espessas e com a base numa altitude mais baixa. Cobrem em geral a totalidade do céu. O Sol fica muito tênue e não se formam halos como nos cirrostratos. Uma outra forma de os distinguir é olhar para o chão e procurar sombras. Se existirem, então as nuvens não são alto-estrato porque a luz que as consegue atravessar não é suficiente para produzir sombras.



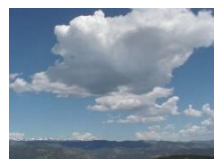
Nimbo-estratos - espessas camadas de nuvens baixas, cinzentas-escuras, cuja base inferior é reforçada por nuvens esfarrapadas, que dão chuva ou neve contínuas. A precipitação pode não atingir o solo, por se evaporar antes. Os nimbo-estratos compõem-se, de gotas de água em temperaturas mais baixas que aquela em que ocorre a solidificação, gotas de chuva, flocos e cristais de neve, ou mistura de formas sólidas e líquidas. Estão associados aos períodos de chuva contínua (fraca a moderada). Podem ser confundidos com alto-estrato mais grossos, mas os nimbo-estratos são de um cinzento mais escuro e nunca se vê o Sol através deles.

Estratocúmulos - nuvens brancas ou cinzentas, arredondadas, dispersas ou em bancos, distribuídas por uma camada horizontal pouco espessa. Contêm partículas de gelo misturadas com gotas líquidas. Nuvens baixas em filas ou agrupadas noutras formas. Normalmente consegue ver-se céu azul nos espaços entre elas. Produzem-se frequentemente a partir de cúmulos por altura do pôr-do-sol. Diferem dos altos-cúmulos porque a sua base é muito mais baixa e são bastante maiores. Raramente provocam precipitação, mas podem provocar aguaceiros no inverno se se desenvolverem verticalmente em nuvens maiores e os topos atingirem uma temperatura de -5 °C.



Estratos - vem de stratus, são nuvens típicas dos crepúsculos, baixas, alongadas e horizontais, em camadas uniformes, sem estrutura visível. São constituídas por gotas de água ou, se a temperatura for muito baixa, por partículas de gelo; a precipitação característica é o chuvisco. Cobrem todo o céu e lembram um nevoeiro que não chega a tocar no chão. Normalmente não originam precipitação, que, a ocorrer, é chuvisco.

Cúmulos - vem de cumulus, montão de nuvens) são arredondadas no topo, majestosas, com o aspeto de montanhas de algodão, base plana e quase horizontal. Indicam bom tempo e distam 1-2 km do solo. Surgem isoladas, distinguindo-se dos stratocúmulos. Os cúmulos têm um topo mais arredondado. São chamados cúmulos de bom tempo, pois surgem associadas a dias soalheiros.





Cúmulo-nimbos - Quando na parte superior dos cúmulos se forma a bigorna, constituída por granizo, neve ou gelo, obtém-se um novo tipo de nuvem, o Cúmulo-nimbo. São as mais vulgares de todas e aparecem com grande variedade de formas, sendo a mais vulgar a de um bocado de algodão. A base pode ir desde o branco até ao cinzento claro. São nuvens de tempestade, onde os fenómenos atmosféricos mais interessantes têm lugar (trovoadas, aguaceiros, granizo e até tornados). Estendem-se desde os 600 m até à tropopausa (12 000 m).

59.6. PORTO

Um dos meus amigos de longa data (António), mas que não via há mais de quatro anos foi ao aeroporto buscar-me e à companheira de viagem australiana. Esta estava intrigada e desconfiada. Como é que um amigo, após um longo dia de labuta, se ia desviar do seu trajeto para ir ao aeroporto buscar um amigo que não via há anos? era impensável na Austrália, mesmo com pessoas de família quanto mais com amigos, mas o António Santos Costa lá estava (faleceria de enfisema a 15.3.2018). A colega médica australiana, cuja missão de serviço partilhei, não se cansava de fazer perguntas, onde é que ele trabalhava, e por que é que se ia desviar do seu rumo para ir ao aeroporto, mesmo depois de saber que íamos jantar juntos. Na Austrália ninguém se desviava, nem que fosse cinco minutos, para ir ao aeroporto buscar um amigo e uma desconhecida, nem mesmo sendo da família. Era uma noção alienígena, não-australiana. Que país era este, em que os amigos iam ao aeroporto, e depois levavam os convidados a jantar após hiatos de anos sem se verem? Assim acontecera, de facto.

O outro amigo, Óscar Malheiro, fora direto ao hotel onde nos esperava, depois da longa e chuvosa viagem num Airbus 320 da TAP, em plena noite portuense a culminar este regresso do Funchal. O frio e a chuva, contudo, não impediram que se recordassem gentes e factos de há uns 14 anos a esta parte. Falou-se dos vivos e dos mortos, que estes já iam engrossando o número daqueles que deixaram de partilhar momentos passados comuns. Eram percursos que só a amizade podia unir e nenhuma diáspora, nenhum silêncio ou distância podiam afetar. Fomos a um restaurante em Leça da Palmeira, o Farol (Rua Sarmento Pimentel 360, 4450-790 Matosinhos) cervejaria mesmo em frente à costa, perto da antiga piscina e a 200 m do farol da Boa Nova. O turnedó estava magnífico, soube maravilhosamente bem e a conversa e os fios da meada que se foram tecendo deu para que as conversas convergissem num fluxo constante até cerca da meia-noite. Amanhã terminaria a minha primeira grande missão ao serviço de Sua Majestade Isabel I da Austrália e II de Inglaterra, a que se seguiria a monotonia eremita e o retorno à banalidade e à calma vida nos Açores.

Dormi bem nesse magnífico e recente hotel que era o *Sheraton Porto Hotel and Spa* o único de 5 estrelas nesta estadia, ao contrário do Marquês de Pombal e do *Regency Cliff* que eram apenas de 4 estrelas. Este fica na Rua Tenente Valadim, por detrás do antigo *Hotel Meridien* que agora se chama *Park Atlantic Porto*. O quarto suntuosamente grande tinha banheira spa visível através dum vidro translúcido, ao lado da cama *Queen Size* (a maior). Todos estes hotéis se caracterizavam por terem wi-fi, internet livre e gratuita em todos os quartos, uma

notável melhoria desde que estivera em hotéis de categoria superior. Tal como nas manhãs e noites anteriores falei para casa a indagar do filho e da mulher e da sua reação a esta primeira ausência prolongada do lar. Obviamente que as saudades eram mútuas.

Na manhã seguinte o despertar pela hora habitual das 07.21 (eram apenas 6:21 nos Açores) para tomar o pequeno-almoço no Restaurante Porto Novo que dispunha de separação entre fumadores e não-fumadores e um ótimo serviço de mesa, excelente para tomar o café expresso bem curto, a minha habitual “italiana”, que lamentei não ter podido ter na véspera - a acompanhar o pequeno-almoço do Funchal e acabei por ter de deslocar-me ao bar do hotel para beber uma pela módica quantia de 1,25 euros mais IVA...

Depois saímos sob chuva pouco intensa, para um táxi descaraterizado, um Mercedes preto, cujo condutor, arrogantemente maldispuesto, se insurgira contra a pergunta normal sobre o local do taxímetro invisível para caçar turistas incautos. Este condutor, tal como todos os que o precederam, falava inglês numa notável manifestação das mudanças registadas em Lisboa, Porto e Funchal no que toca a serviço a clientes estrangeiros.

Fomos a um médico na rua Aires de Ornelas, já de certa idade, adepto das novas tecnologias, que mantinha registos de todos os clientes emigrantes ou estudantes para a Austrália, Canadá e EUA desde há 25 anos. Depois, mandou o motorista privativo levar-nos num Audi à clínica GAER na Praça da Batalha onde se acumulavam mais de duas centenas de pacientes pelos 3 andares das instalações, ao lado da Messe Militar. O dono era um médico castiço, com mais de 80 anos, incapaz de nos ouvir e o que estávamos ali a fazer. Apesar de falar mal inglês não me deixava interpretar e insistia em não me deixar falar. Estava prestes a reformar-se. Felizmente o seu substituto, mais jovem, futuro gestor, iria conseguir trocar algumas impressões comigo e com a médica australiana. Apanhamos um táxi de regresso ao Sheraton e despedimo-nos com um café expresso à italiana para mim e um Capuccino para ela com a habitual tigela ou pastel de nata que devorara copiosamente ao longo destes dias em que trabalhamos juntos. Agradeceu os meus serviços e vim para o quarto fazer malas, uma vez mais.

Dado que tínhamos acabado muito antes da hora prevista telefonei à minha vetusta matriarca com os seus 85,5 anos e fiz-lhe a surpresa de a acompanhar ao almoço. É sempre agradável poder conversar com os entes queridos quando menos o esperam. Meti-me numa limusina exclusiva do hotel e fui ter ao Café Cenáculo, onde a família se desloca religiosamente em procissões diárias desde o início da década de 1960. Sentia-se, era palpável, o orgulho dela, junto das amigas da mesma idade, pela missão do filho, tão bem remunerada e com tantas vantagens, bem longínqua dos tempos difíceis que passara em Portugal no terrível *Anno Horribilis* de 1975. Com medo de que não apreciasse devidamente a pescada cozida com todos, e, como sou um amante das carnes, encomendara já um bife na caçarola que iria degustar em casa enquanto ela esperava pela vinda da filha para almoçar. Lá me falou das queixas e achaques ósseos, contando novidades locais da família e do resto. Acabamos por almoçar juntos. Mais tarde viria das aulas a minha irmã e pudemos trocar impressões. Pelas 15 horas já tinha o motorista e a limusina para me levar ao aeroporto, onde, fiz o

check-in para Lisboa pois teria de mudar de avião e de transportadora para os Açores.

A mulher e o filho esperavam-me no aeroporto de Ponta Delgada. Conduzi pela sinuosa estrada do costume até à nossa aldeia da Lomba da Maia (aqui chamam freguesia, diz a voz subconsciente) onde o frio já se fazia sentir. Entreguei-lhes as lembranças acumuladas ao longo dos aeroportos por onde passei e fui deitar-me, satisfeito por ter visto amigos e aproveitado os momentos livres para exercitar este cérebro que aqui desfalece à mingua por falta de exercício oral ou conversacional. Lembrei-me, de como o governo português apenas uma vez me oferecera uma viagem em categoria turística na *Air France* de Lisboa para Timor para cumprir o SMO e outra vez para vir de Sidney a uma conferência na Universidade do Minho. O governo australiano foi (mais uma vez) pródigo com este concidadão. E era isto que vos vinha contar, com 6500 milhas ganhas em quatro dias.
